

RESUMO

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), do autor moçambicano Antonio Emílio Leite Couto, comumente conhecido como Mia Couto, evidencia, por meio de uma ficção, uma proposta de revitalização, pela via do literário, da sociedade moçambicana. Nessa perspectiva, sua poética repousa em uma relação dialética que se funda, sobretudo, entre a permanência (representada ou registrada pela existência do bairro rural denominado Luar-do-Chão) e a ausência (cidade, espaço da narrativa dedicado ao desenvolvimento, progresso e conforto, mas também o da perda da memória tribal, dos sentimentos, etc.), ambas demarcadas pela espacialidade. O presente trabalho tem por finalidade demonstrar como algumas temáticas comuns às literaturas africanas aparecem representadas na espacialidade do universo diegético miacoutiano. Isso acontece sobretudo no que toca ao espaço da convivência das diferenças culturais, colaborando dessa maneira com uma melhor compreensão teórica desse importante aspecto essencial de toda narrativa ficcional. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o personagem Marianinho, protagonista e narrador da história, após anos estudando na cidade (moderna), retorna à sua ilha de origem, Luar-do-Chão (religiosa e mítica), por ocasião da morte de seu avô Dito Mariano, o patriarca da família. Ao sabor de um romance policial, muitas peripécias serão desveladas na trajetória de todos os personagens, configurando uma narrativa que prende a atenção do leitor de maneira marcante. A viagem empreendida por Mariano, quando deixa a cidade em que fora estudar as Letras para regressar à ilha de Luar-do-Chão, não diz respeito apenas a uma mudança de espaço geográfico, mas implica também numa mudança de sua condição humana e cultural e de sua visão de mundo. É que a cidade (capitalista, urbana e progressista) o tinha anteriormente transformado. Ao herói viajante do romance compete reconstruir seu espaço de origem devastado pela guerra e pelos interesses egoísticos de cada um, costurando os fios da modernidade no tecido da tradição, bem como avançar em propostas e perspectivas para dar um sentido (novo) a sua vida. A relação espacial aqui desvendada comandará não apenas os acontecimentos, mas principalmente construirá os sentidos dados por eles pelo autor do romance.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa. Moçambique. Mia Couto. Espaço literário. Literatura e vida.

INTRODUÇÃO

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), do escritor moçambicano Antonio Emílio Leite Couto, comumente conhecido como Mia Couto, evidencia, por meio dessa ficção, uma proposta de revitalização, pela via do literário, da sociedade moçambicana. Nessa perspectiva, a gênese do romance repousa em uma relação dialética que se funda, sobretudo, entre a permanência (Luar-do-Chão) e a ausência (cidade), ambas demarcadas pela espacialidade. O espaço, como têm demonstrado seus últimos estudos, é uma categoria indispensável à compreensão de uma narrativa. Nesse sentido, o presente trabalho tem por finalidade demonstrar como algumas temáticas comuns às literaturas africanas aparecem representadas na espacialidade do universo diegético coutiano, sobretudo no que toca ao espaço da convivência das diferenças culturais, colaborando dessa maneira com uma melhor compreensão teórica desse importante aspecto de toda narrativa ficcional.

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o personagem Marianinho, protagonista e narrador, após anos estudando na cidade (moderna), retorna à sua ilha de origem, Luar-do-Chão (religiosa e mítica), por ocasião da morte de seu avô Dito Mariano, o patriarca da família. Ao sabor do romance policial, muitas peripécias serão desveladas na trajetória de todos os personagens, configurando uma narrativa que prende a atenção do leitor de maneira marcante.

Faz-se necessário mostrar que a viagem empreendida por Mariano, quando deixa a cidade em que fora estudar as Letras para regressar à ilha de Luar-do-Chão, não diz respeito apenas a uma mudança de espaço geográfico, mas também a uma mudança de sua condição humana e cultural, uma vez que a cidade (capitalista, urbana e progressista) o transformou. Ao herói viajante do romance compete reconstruir seu espaço de origem devastado pela guerra, costurando os fios da modernidade no tecido da tradição, bem como avançar em propostas e perspectivas para dar um sentido (novo) a sua vida. A relação espacial aí desvendada comandará não apenas os acontecimentos, mas principalmente os sentidos dados por eles pelo autor do romance.

O *espaço*, em conjunto com o *tempo*, configura-se como um conjunto de categorias narrativas de inestimável valia para a ancoragem de personagens e ações dentro do universo literário.

Se comparado às demais categorias, o espaço, como pondera Dimas (1987), não conta com uma considerável exploração teórica no âmbito dos estudos literários. Todavia, muitos pesquisadores brasileiros têm se lançado, com significativo êxito, à tarefa de mudar este quadro.

Dentre os autores que dispensaram atenção ao espaço na literatura, tomamos como expoente Gaston Bachelard, cuja obra *La poétique de l'espace*, publicada em 1957, fulgura entre o que há de imprescindível no que tange ao estudo da espacialidade, principalmente do ponto de vista temático. Nesta obra, o autor apresenta-nos inúmeros sentidos guardados na espacialidade literária, sobretudo no tocante à imagem da casa, nossa principal referência no mundo, signo de proteção, de

maternagem, acolhimento, etc. Antonio Dimas, em seu livro *Espaço e romance* (1987, p. 44), afirma o seguinte sobre o teórico francês:

[...] Bachelard é a junção feliz entre rigor científico e experiência pessoal nunca descartada, confluindo ambos os vetores para associações surpreendentes e reminiscências arquetípicas do ser humano. Sua Poética do espaço contém passagens seminais a abrirem perspectivas imaginosas para aquilo que ele designa de toponálise, isto é, ‘o estudo psicológico sistemático dos recantos de nossa vida íntima’.

Iuri Lotman, estoniano, um dos mestres da chamada escola de Tartu, é outro autor de incontestado destaque nos estudos sobre o espaço literário, com ênfase para sua obra *A estrutura do texto artístico*, na qual irá abordar, dentre outros assuntos, o espaço artístico. Segundo o autor (1978), a vida é responsável por orientar um modelo espacial para a arte, de modo que o espaço do universo é refletido na estrutura do espaço textual.

Lotman também chama-nos a atenção para o fato de que muitas indicações espaciais transcendem o meramente espacial. Em outras palavras, coordenadas espaciais possuem axiologias não espaciais. É o que o exemplifica o teórico estoniano ao dizer que, por exemplo, a coordenada “perto” pode significar o que é nosso, o seguro, enquanto a coordenada “longe” pode tematizar o que é dos outros, o que é perigoso. Transpondo para nossa sociedade essas ideias de Lotman, um exemplo muito comum é o caráter ideológico que impregna as coordenadas “direita” e “esquerda”, em política.

Outra importante contribuição de Lotman diz respeito à discussão da questão da “fronteira” no texto literário. Esse teórico foi o primeiro a perceber a possível existência de uma divisão do espaço representado no texto. Segundo ele, a fronteira dividiria o espaço em dois subespaços que não se tornariam a dividir.

Cumprido salientar a contribuição teórica do brasileiro Osman Lins, autor da obra *Lima Barreto e o espaço romanesco*, de 1976. A propósito de sua colaboração com os estudos concernentes ao espaço, Dimas (1987, p. 19) irá dizer:

Com *Lima Barreto e o espaço romanesco*, Osman Lins (1924-1978) deu um passo importante para aclarar o problema, pois além de tocar num ponto virgem da bibliografia sobre Lima Barreto, elaborou alguns capítulos teóricos que melhor situam essa preocupação com o espaço na narrativa.

Dentre esses capítulos teóricos de que fala Dimas, é digno de destaque aquele em que Osman Lins expõe sua teoria da ambientação. Para Lins, “ambientação” é a forma através da qual o espaço é criado no texto. Segundo ele, existem três possibilidades: ambientação franca, a reflexa e a dissimulada. Pelo primeiro tipo, é o narrador que instaura a espacialidade do texto, ao passo que, pela segunda, é a personagem que o faz.

Essas duas formas, ambientação franca e reflexa, são as estratégias tradicionais e que predominaram até o século XIX. Nessas narrativas, encontram-se verdadeiros blocos espaciais, isto é, para-se a narração, insere-se a descrição. Esses blocos podem inclusive ser nomeados como “o pôr-do-sol”, “o mar”, “o anoitecer”, etc. A partir do final do século XIX e, principalmente, no século XX, a narrativa sofre diversas transformações, entre elas, a da ambientação. Nesse momento, vem à lume

o que Lins chama de “ambientação dissimulada”, isto é, desaparecem os blocos descritivos. Agora, o espaço surge juntamente com a ação da personagem. Descrição e narração tornam-se imbricadas.

Dada a notável relevância da categoria apresentada, a qual Joseph Frank, em seu artigo *La forme spatiale dans la littérature moderne*, atribui grande significância na literatura moderna no que diz respeito ao plano da forma estética, pretendemos desenvolver um estudo sobre as determinantes espaciais em uma narrativa, tomando como objeto de análise a obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, que, a começar pelo título, traz uma instigante relação com a espacialidade.

No primeiro capítulo, será feita uma breve apreciação da biografia de Mia Couto, sobretudo, no tocante aos aspectos indispensáveis à sua formação como escritor, a saber: a convivência com culturas heterogêneas (em casa, o ocidente; na rua, os contadores de estórias, como dizia o próprio autor) e, de modo especial, seus ofícios de jornalista e de biólogo, que lhe possibilitaram viajar por diversos espaços de Moçambique e, com isso, entrar em contato com a diversidade cultural de seu país. Ademais, serão apresentadas alguns referenciais teóricos notáveis à realização do presente trabalho.

O segundo capítulo será dedicado à análise dos espaços naturais, Ilha e rio, ao passo que o terceiro terá como foco os espaços culturais, casa e cidade. Tentar-se-á demonstrar quais são as representações que guardam essas bipartições.

Para tanto, nossa metodologia seguirá tanto o caminho estrutural quanto o temático. Do primeiro ponto de vista, analisaremos as estratégias narrativas utilizadas para a representação do espaço dentro da obra em foco. Para esse desvelamento, utilizaremos, dentre outros, os teóricos citados. Em contrapartida, não nos será suficiente explicitar as configurações do espaço, analisaremos concomitantemente os efeitos de sentido que são propiciados por essas configurações. Ou seja, cumpre verificar nessas estratégias as axiologias nelas inerentes, os simbolismos, as ideologias, os subentendidos e os pressupostos.

CONCLUSÕES

Em que pese a dificuldade normalmente encontrada para se chegar a conclusões em se tratando da análise de uma obra literária, faz-se preciso aqui, a fim de atender a exigência do figurino acadêmico, ao menos apresentar de forma sucinta alguns dos resultados obtidos por essa pesquisa, visto que o pesquisador só se deixa conduzir pelas entrelinhas enquanto as revelações estéticas ainda não amadureceram, enquanto o Belo ainda não desabrochou em toda a sua generosidade.

A título de preâmbulo, no primeiro capítulo tentamos incursionar hipoteticamente por algumas motivações biográficas que teriam despertado em Mia Couto o esmero ao construir o espaço narrativo em suas obras. Dentre os fatores eleitos para justificar tal habilidade, revelaram-se indispensáveis os ofícios exercidos pelo autor, a saber, o de jornalista e o de biólogo, uma vez que ambos lhe proporcionaram o contato com povos, culturas e espaços guardados nos recantos moçambicanos, sobretudo, em lugarejos onde a modernidade ainda não havia hasteado a sua desbandeira. Nasce deste contato a consciência da preservação de uma tradição que não se quer estanque, mas apenas viva; surge daí temas que perpassam toda a sua poética, tais como a oralidade, o respeito à ancestralidade e a personificação da natureza, para ficar apenas com alguns desses pontos.

No caso particular da Biologia e sua relação com a literatura, o próprio autor diz ter tê-la escolhido como profissão pela possibilidade de visitar as zonas rurais de seu país e, sobretudo, pela oportunidade de tomar contato com uma sabedoria avessa ao que nós, cidadãos ocidentalizados, entendemos por razão. Logo, esta convivência com a diversidade cultural moçambicana só fez por enriquecer seu repertório criativo. Isso posto, é preciso considerar as trocas existentes entre o Mia Couto cientista e o escritor, tendo em vista que, ao se debruçar sobre a biodiversidade de Moçambique, o autor não apenas adquire a possibilidade de contato com as cosmovisões rurais, como também capacita-se para realizar uma leitura ainda mais apurada dos espaços moçambicanos, de sua Natureza, seus rios e terras. No que toca à literatura, o resultado é a obtenção e a exploração das inúmeras possibilidades de se constituir a espacialidade literária, de modo a reestruturar esteticamente a arquitetura de vida posta ao chão pelas mãos gananciosas dos mal-intencionados de todos os matizes.

No que diz respeito aos objetivos principais desta pesquisa, tivemos a oportunidade de demonstrar algumas representações que o espaço narrativo adquire no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. No intuito de não fugir à proposta, foram desvelados os aspectos temáticos e estruturais relacionados à narrativa miacoutiana. Durante a realização de tal desvelamento, foi possível observar que as propostas do escritor para uma nova configuração da sociedade moçambicana passam pela reelaboração do espaço narrativo. O objetivo perseguido foi demonstrar como tal empreendimento encontra-se refletido na categoria espacial do romance em tela.

No contra-apelo da tentativa de hegemonização almejada pelo sistema colonial, Mia propõe a coexistência de valores antitéticos, o que se pode perceber tanto no aspecto temático como no estrutural de sua literatura. No que toca a este último, a organização do espaço indicia a convivência de culturas distintas. Para tanto, instaura uma terceira margem ao modo roseano, um entre-lugar, sugerindo que tradição e modernidade, o velho e o novo, os de lá e os de cá podem e devem caminhar a braços, dissolvendo, assim, o desrespeito à alteridade legado da experiência colonial naquele país.

Para perseguir nosso objetivo maior, qual seja o de demonstrar a instauração da convivência de valores antagônicos no conjunto da espacialidade do romance analisado, fato que igualmente permeia toda a poética do escritor moçambicano no tocante às demais categorias da narrativa, começamos por constatar, no que se refere ao aspecto estrutural, a constituição simétrica do espaço sobre o qual o enredo é constituído. Inicialmente, cumpre observar que se trata de dois blocos espaciais antitéticos e simétricos, cada qual dotado de outros dois espaços que lhes correspondem. De um lado, a espacialidade natural, que aqui tratamos de *natureza*; de outro a espacialidade cultural, que aqui nomeamos *cenário*. Para além desta ocorrência, percebemos no primeiro bloco, o natural, composto pelo rio e pela ilha, a coexistência de outra dualidade, a saber, entre um espaço móvel e um espaço fixo. No segundo bloco, o cultural, temos a casa e a cidade, que escondem outra especificidade estrutural, a oposição entre um lugar particular e um espaço universal.

Tais configurações são consoantes à própria bipartição existente entre litoral e interior, modernidade e tradição, que a experiência colonial legou a Moçambique e a tantos outros países do sofrido mas vigoroso continente africano. É na fenda existente entre esses dois universos que a literatura surge como uma possibilidade de diálogo, de aproximação e de reparação simbólica.

Após a revelação da questão estrutural, objetivamos demonstrar como os traços idiossincráticos que conservam cada um desses espaços (ilha, rio, casa e cidade), bem como os temas que os subjazem, contribuem para com a beleza, o valor e a singularidade do romance estudado.

No desenrolar da pesquisa, após ler o conjunto da obra do autor, constatamos nela a predominância dos espaços naturais, em detrimentos dos culturais, embora tais finalidades não estivessem contempladas em nossos objetivos primeiros.

Além disso, no que toca aos espaços dedicados à natureza, percebemos a recorrência do espaço insular na produção miacoutiana. Diante de tais constatações, tentamos buscar ligeiramente algumas motivações que poderiam justificar tais escolhas, o que pode dar margem a pesquisas posteriores.

No que diz respeito ao procedimento de insularidade do espaço, chegamos a algumas constatações, a saber: a ilha tem a funcionalidade de um referente que contribui para a ancoragem nas literaturas africanas, conferindo a ela maior verossimilhança ao aproximar a ficcionalidade de um espaço geográfico bastante representativo aos povos moçambicanos, a Ilha de Moçambique. Outro dado de igual relevância refere-se ao fato de a ilha, como espaço universalmente reconhecido como

mítico e deflagrador da utopia, contribuir para a proposta temática e cultural de Mia Couto, qual seja a de instaurar em sua literatura um ambiente de comunicabilidade entre povos heterogêneos.

Parece-nos que um dado digno de apreço em nossa análise é o que se refere ao restabelecimento do espaço ao longo do enredo do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Já na apresentação das espacialidades, tudo sugere degenerar, ilha, casa e rio. Com o transcorrer da narrativa, à medida que as tramas vão sendo dissolvidas, o espaço literário passa a ser recomposto em sua devida ordem. Logo, constatamos que neste romance, e por que não dizer em boa parcela das obras literárias, a espacialidade rege toda a sorte de ação promovida pelos personagens, de modo que, não raro, a dissolução dos conflitos é acompanhada pela concomitante reestruturação do espaço, o que justifica e intensifica a relevância desta categoria na construção da narrativa.

Por fim, resta-nos ressaltar o esmero que Mia Couto dedica à configuração do espaço em suas obras, uma vez que este dá suporte e validade a todos os seus anseios temáticos. Dentre tais anseios, um deles em particular é digno de apreço, qual seja a desarticulação das dicotomias legadas pela experiência colonial por que passou, e ainda passa em seus resquícios, Moçambique. Se neste romance há uma ilha, Luar-do-Chão, capaz de conjugar o céu e a terra; se ali há uma casa, Nyumba-Kaya, que acolhe concentradamente a nomeação sulista e nortenha da província; se existe lá um rio, Madzimi, que afasta ao mesmo tempo em que aproxima, haverá sempre uma linha de convivência, de diálogo entre o novo e o velho, entre a tradição e modernidade. Eis a lição que a arte literária professa-nos: a existência de um espaço de confluência capaz de arrefecer o conflito e exaltar a diversidade, validando que a verdade em literatura, e acrescentamos na vida, está sempre no entre-lugar, como tão bem sentenciou Antoine Compagnon em sua obra crítica e literária.

Resta-nos, por fim, dizer que Mia Couto apresenta-se como um mestre na manipulação dos espaços neste romance, atingindo seus objetivos literários, humanos e políticos junto aos leitores. Daí a importância e o efeito estético-moral dessa obra de ficção tão ligada às raízes, às realidades históricas e contemporâneas do Tempo e da Terra de África e de alhures.